

TRAJETÓRIA DE VIDA E FORMAÇÃO DOCENTE DE UMA PROFESSORA APOSENTADA: O CONHECIMENTO DE SI

LIFE AND TRAINING OF A RETIRED TEACHER: SELF KNOWLEDGE

Fabício Oliveira da Silva¹

Universidade do Estado da Bahia – UNEB

Adson Dos Santos Bastos²

Universidade do Estado da Bahia – UNEB

RESUMO

Este artigo analisa a trajetória de vida e formação de uma professora idosa, evidenciando os sentidos que a mesma constrói ao falar de si e de seu percurso formativo. A base epistemológica do estudo fundamenta-se na ótica da pesquisa qualitativa, de natureza interpretativa, que evidencia pôr em primeiro plano o estudo da trajetória de vida/formação da professora idosa, buscando identificar o sujeito enquanto ativo na construção do conhecimento sobre si próprio e sobre a sua condição de professora. Nesta seara, enveredamos pela abordagem (auto)biográfica a partir dos estudos trazidos por Nóvoa (1988), Delory-Momberg (2012), Pineau (2006), entre outros. Como resultado, o estudo mostrou que o conhecimento de si desencadeia um constante processo de formação do sujeito.

Palavras-chaves: Narrativas. Formação. Abordagem (auto)biográfica. Trajetória

1 INTRODUÇÃO

O conhecimento de si revela a essência da vida, que antes de ser pensada, precisa ser vivida. Sabiamente Clarice Lispector (1998) já nos dizia que não é necessário entender a vida, pois vivê-la ultrapassa todo o entendimento. Assim só podemos compreender a vida se a vivermos intensamente, no movimento da cotidianidade, temporalidade e espontaneidade. É nesse tripé que a ideia de trajetória, neste trabalho, se fundamenta, visto que se constitui por uma essência de movimentos que a vida nos proporciona e que vão sendo cristalizados na medida em que vamos produzindo sentidos para cada movimento vivido. Esses movimentos podem, são e devem ser compreendidos pelo próprio sujeito, quando este para e o reconstrói por meio de narrativas que vão tecendo em outro tempo e forma os sentidos de uma vida vivida e ressignificada.

¹ Doutorando em Educação pelo PPGEDUC - UNEB, Mestre em Letras pela USP e professor da UNEB, área Prática Pedagógica, Estágio Supervisionado e Epistemologia do conhecimento. E-mail: faolis@ig.com.br

² Mestre em Educação pela UFBA, professor da Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Coordenador do Colegiado de Ciências Biológicas do Campus V – Senhor do Bonfim. Membro do grupo de pesquisa DIVERSO – Narrativa, Formação e Diversidade vinculado ao PPGEDUC – UNEB. E-mail: abastos@uneb.br

É pautado nesta ideia que neste artigo discorreremos sobre a trajetória de vida de uma professora aposentada, centrando o olhar para compreender o modo como o sujeito produz sentido ao falar de si e de seus percursos formativos.

Ao fazermos a opção pela pesquisa (auto)biográfica, intentamos permitir que a professora Doralice³ reveja sua história de formação que se consolidou a partir de suas experiências acadêmicas, redefinidas pelas narrativas que sempre fez, como forma de perceber os sentidos construídos ao longo de sua trajetória como educadora, na perspectiva de dizer ao mundo como a docência continua viva em suas lembranças. Pensar a sua trajetória de professora a faz revisitar, constantemente, o seu passado, revirando e remexendo a sua memória que a molda e que a faz saber da sua condição docente aposentada e de como a docência nela produziu sentido consolidando o seu fazer cotidiano. A cada dia, pela memória, o sujeito se constitui e reconstitui como um sujeito de sentimentos e de experiências, que estabelece relação com o mundo que o cerca. É na linguagem e pela linguagem que Doralice se constituiu educadora e construtora de sua própria história e existência.

Se no movimento da linguagem e do constante resgate da memória Doralice se constituiu um sujeito, é neste mesmo movimento que ela se inclinou a buscar compreender-se e continuar dando sentido a sua própria história. É nesta direção que o estudo ancorou-se na abordagem (auto) biográfica, por ver nela a condição de “[...] instaurar-se como um movimento de investigação-formação ao focar o processo de conhecimento e de formação que se vincula ao exercício de consciência, por parte do sujeito, das itinerâncias e aprendizagens ao longo da vida [...]” (SOUZA, 2006, p.45).

A abordagem (auto) biográfica está diretamente relacionada a uma concepção de educação construída ao longo da vida de um sujeito, valorizando o seu processo de formação e os sentidos que se constroem pelas trajetórias de formação. Assim, “[...] As narrativas (auto) biográficas não são, apenas, descrições ou interpretações de acontecimentos pessoais, mas constituem uma ação social por meio da qual o indivíduo retotaliza sua trajetória de vida e sua interação com o social [...]” (FERRAROTTI, 1988, p.17-34, apud PASSEGGI et.al., 2006).

³ Trata-se de um nome fictício utilizado pela professora colaboradora do estudo a fim de primar por sua identidade. A escolha do nome foi opção da professora em homenagem a uma educadora importante em sua história de vida-formação. A colaboradora tem 68 anos de idade, nasceu na Fazenda Ipanema, município de Pesqueira, estado de Pernambuco, caçula de quatro filhos. É casada, têm cinco filhos, três mulheres e dois homens, todos com ensino superior completo. e se formou em Geografia em 1987 na Fundação de Ensino Superior de Pernambuco – FESPU: Faculdade de Formação de Professores de Petrolina.

Nesta seara, a (auto) biografia revelou-se como um método de dimensões pertinentes para a realização desta pesquisa, pois lida com as histórias de vida e de formação do sujeito, a partir de vários dispositivos que permitem fluir as subjetividades pela experiência que desenvolve na relação com o outro e consigo mesmo. Trata-se, portanto, de uma abordagem que coloca o sujeito no centro da questão, ao passo que centraliza também o pesquisador que assume papel participante no cenário da pesquisa, por também ser um sujeito de experiências que se coloca na dimensão de compreender o outro pela sua própria condição formativa.

Vimos a perspectiva dos estudos (auto) biográficos extremamente pertinente ao desenvolvimento da compreensão de como a trajetória de vida e formação da educadora foi sendo tecida ao longo do tempo. E isto é possível exatamente por ser esse um método de base qualitativa, que propõe analisar as histórias de vida e de formação, centrando a investigação nos sentidos que o próprio sujeito imprime ao ato de ter tornado-se educador, num movimento demarcado pela sua história de vida, em que as suas experiências consolidam o desenvolvimento de competências e habilidades, que se internalizam na sua identidade docente.

Franco Ferrarotti é um dos sociólogos que tem se debruçado na análise das questões sobre o trabalho com o método (auto) biográfico, razão pela qual muitos pesquisadores têm utilizado os seus preceitos sobre os estudos biográficos. Há um interessante artigo deste autor, intitulado: “Sobre a autonomia do método biográfico”, publicado em (1988), por meio do qual o autor observa que a aplicação do método biográfico desencadeou importantes embates teóricos no decurso de sua evolução, numa luta contínua pelo reconhecimento de seu estatuto científico como método autônomo de investigação. Segundo ele, o interesse crescente nos últimos anos pelo debate sobre esse método responde a uma dupla exigência. De um lado, a necessidade de renovação metodológica, em decorrência de uma crise generalizada dos instrumentos “heurísticos” da sociologia. Nos setores mais críticos, como ele denomina, dessa disciplina, observa que é o caráter exacerbadamente técnico da metodologia sociológica, fundamentado no axioma da objetividade e na hegemonia da intencionalidade “nomotética”⁴, que se questiona. Da suposta neutralidade de seus procedimentos resultaram o artificialismo da separação sujeito-objeto e o formalismo das “leis” sociais buscadas pelas investigações.

⁴ Termo utilizado em qualificação às ciências, que assim como a física, tendem a estabelecer leis gerais. Segundo Ferrarotti (1988), o termo que se opõe a nomotético nos estudos biográficos é o termo ideográfico, utilizado por Windelband (1848-1915) para qualificar as ciências, a exemplo da história, que têm como objeto próprio a compreensão do particular.

São fatores como estes, também mencionados por diversos estudiosos deste método, que contribuíram para a valorização crescente do método (auto) biográfico. Por outro lado, como bem mostra Ferrarotti (1988), esse método corresponde à exigência de uma nova antropologia, devido aos apelos vindos de vários setores para se conhecer melhor a vida cotidiana. As teorias sociais voltadas para as explicações macroestruturais não davam conta dos problemas, das tensões e conflitos que tomam lugar na dinâmica da vida cotidiana, mostrando-se, portanto, “[...] impotentes para compreender e satisfazer esta necessidade de uma hermenêutica social do campo psicológico individual [...]” (FERRAROTTI, 1988, p. 20).

Nessa perspectiva, e segundo esse mesmo autor, a abordagem (auto) biográfica apresenta-se como alternativa para fazer a mediação entre as ações e a estrutura, ou seja, entre a história individual e a história social. Assim no cenário do cotidiano da escola, cada sujeito desta pesquisa vivencia ações do dia a dia, que poderão ser mapeadas, compreendidas e interpretadas, de modo a perceber como a docência vai se constituindo nas experiências produzidas no cotidiano da escola e da prática do fazer docente, que vão além das ações pedagógicas desenvolvidas em sala de aula.

2 A HISTÓRIA DE VIDA E FORMAÇÃO DE DORALICE: UM FOCO TEMPORAL NA NARRATIVA DE SI

Ainda que a trajetória de um sujeito possa ser determinada pela sociedade e pela cultura, os acontecimentos e os encontros são em grande parte imprevisíveis, o que dá sentido aos aspectos interpretativos de uma narrativa, momento em que o próprio sujeito que narra atribui um novo sentido à experiência vivida. Isso sugere que não se pode antecipar qual o peso que as experiências terão durante a trajetória de cada sujeito, principalmente, por não haver condições de se saber como as experiências são tomadas pelo sujeito, salvo pela produção de sua própria narrativa, em que se volta para si e por meio dela reconstrói o vivido em um novo tempo.

É neste sentido que a vida em si é uma aventura. Importa, e muito, para os que trabalham com o método, se as vivências podem ou não se transformar em autoconsciência. Em outras palavras, passar pela reflexão, pela elaboração, pela interpretação. E essa interpretação está necessariamente articulada com uma temporalidade. Segundo Eriben (1996)

[...] A essência do método biográfico consiste, mais precisamente, em investigar a forma como a autoconsciência de terceiros é empregada

para produzir sua própria autoformação. O sujeito humano pode interpretar a si mesmo somente através da ação de interpretar os sinais captados no mundo que o circunda. Não existe qualquer noção de si mesmo ou de identidade que seja transmitida geneticamente. Estamos unidos ao passado e ao futuro, visto que é uma característica constitutiva da mente humana possuir uma memória e a capacidade de projeção. Assim, o passado está sempre necessariamente ligado a um futuro e, quando este chegar, o passado já estará - desta mesma forma - ligado a um outro novo futuro. (EREBEN, 1996, p. 73)

Isso sugere que o método (auto)biográfico possui um aspecto intrarreflexivo que o pesquisador deve levar em conta. Na narrativa de Doralice, vemos que há um processo de consciência de sua constituição como sujeito, que nasce na zona rural e que desde então passa a conviver nesse ambiente e a constituir-se na dinâmica do espaço rural. Quando narra seu nascimento, já faz reflexões sobre a sua constituição pessoal e de identificação de si, ao utilizar o pronome possessivo para indicar pertencimento de si ao lugar em que nasceu e vive, lugar, este que pela condição estrutural faz surgir a ideia da existência de uma sala de aula. Assim nos diz Doralice

[...] Nasci na zona rural. A minha zona rural era bem zona rural. Era um povoado pequeno que não tinha nada, não tinha energia elétrica, água encanada, posto de saúde e muito menos escola. Ai meu pai cedeu uma sala da nossa casa para minha madrinha que era professora e ai passou a ser uma sala de aula. (Doralice, trecho de narrativa de formação, 2015)

Há uma nítida concepção de espaço rural que é veiculada a ideia de escassez, ao se assumir que é um espaço onde alguns elementos da urbanização não estão presentes. Assim, faltam água encanada, sistema de saúde funcional, processo de eletrificação e também falta a escola em si, vista aqui, inicialmente, como elemento relacionado ao progresso e à urbanização. Se o povoado era pequeno e faltava tudo isso, faltava também a escola. A escola é vista como elemento necessário ao povoado, como a energia elétrica, a água encanada e o sistema de saúde também o são. Mas para haver a escola, tem que haver o professor, sujeito portador de alguns saberes, que para Doralice é a sua madrinha, fundadora da escola de seu povoado.

A constituição da docência em Doralice está associada à sua trajetória de escolarização, que surge com a fundação a partir de dois atributos, quais sejam: a cessão de uma das salas de sua casa pelo pai e a existência de sua madrinha, já professora, que usa esse espaço para materializar a sala de aula. Inserida numa concepção de que a docência se fundamenta em alguns saberes, Doralice compreende que a sala de aula existe a partir da presença de uma professora e do espaço físico que agrega pessoas para

desenvolverem o processo de ensino e de aprendizagem. A ideia que ela tem de professor está relacionada ao que defende Freitas (2008): “[...] O ofício do professor demanda um conjunto de saberes, habilidades, competências, normas e valores. Os papéis sociais do professor são definidos e orientados a partir do espaço e do tempo no qual são desenvolvidas as suas práticas [...]”. Dessa forma a representação e apropriação da imagem de professor em diversos espaços da sociedade estão atreladas ao tempo e espaço vivenciados pelo mesmo.

A narrativa de Doralice vai sendo tecida evidenciando uma sequenciação de linearidade dos fatos que ela escolhe, narra e que tem um sentido para a sua vida. Josso (2004) salienta que a narrativa funciona num primeiro plano na perspectiva das competências verbais e intelectuais, porque faz o sujeito entrar em contato com suas lembranças e evocar as “recordações-referências” que estejam implicadas com o tema conhecimento de si e formação; fazendo com que este revele o que “[...] aprendeu experientialmente nas circunstâncias da vida [...]” (JOSSO, 2004, p. 31).

Doralice inicia falando da constituição da escola na sala de sua casa e vai construindo sua narrativa numa dimensão temporal de sucessão de fatos e acontecimentos até marcar o retorno à escola, agora universidade, em que após sua aposentadoria reinicia o ciclo de sua formação no programa Universidade Aberta a Terceira Idade – UATI. Ao produzir a sequência histórica dos fatos que marcaram sua vida, a professora busca criar uma teia de fatos que cronologicamente se sequenciaram em diferentes períodos de sua vida. Mas há claramente a construção de um tempo psicológico, subjetivo, em que os fatos são reorganizados de modo a marcar a essência significativa de sua trajetória. É o tempo das experiências.

[...] Depois de alguns anos, já professora da rede estadual do estado da Bahia e com cinco filhos, a mais velha com 12 e o mais novo com 02 anos, decidi voltar a estudar e fui cursar Geografia na Universidade de Pernambuco, na cidade de Petrolina que fica a mais de 130 km de Senhor do Bonfim. Trabalhava o dia inteiro e no final da tarde saía da escola para Petrolina, só chegava em casa por volta da meia noite, essa rotina durou quatro anos. Não foi fácil, mas conseguir concluir o curso. Mas devo afirmar que tive ajuda de muitas pessoas, principalmente do meu marido. Que ficava com as crianças enquanto eu estudava. (Doralice, trecho de narrativa de formação, 2015)

A narrativa de Doralice está repleta de marcadores temporais, quais sejam: Depois de alguns anos, já, decidi voltar, fui cursar, trabalhava, saía, chegava, meia noite, durou quatro anos, concluir, ficava, estudava, que evidenciam um processo de

individualização no curso de sua vida, marcada pela dupla dimensão temporal: por um lado um tempo cronológico em que se configura a ideia de sucessão de um tempo após o outro, demarcando o lugar das fases, dos ritmos e das sucessões de fatos; por outro o tempo psicológico em que não há uma possibilidade de cronometrar e aferir as aprendizagens numa dimensão cronológica. É o tempo das experiências do eu, que é tomado como elemento produtor de sua formação, da constituição de uma trajetória que é única e peculiar, assim como o é o sujeito Doralice.

É neste tempo que está presente a marca da subjetividade do sujeito, que pode ser a eternização do momento quando a experiência ocorre em diferentes ritmos, respeitando às características psicológicas de cada indivíduo. Esse é o tempo que a trajetória formativa evidencia as subjetividades de cada um.

Parece-nos pertinente relacionar o tempo psicológico, caracterizador das subjetividades com a ideia de trajetórias de formação de Doralice, pois a todo o tempo, ela, durante seu processo de formação, deixou claro ter se agarrado às oportunidades para poder desenvolver-se bem na carreira que resolveu trilhar. A sua formação foi determinada pela escolha que fez e pela qual se responsabilizou. O tempo das experiências significa também o momento oportuno, a oportunidade agarrada.

Assim há uma evidência de duas dimensões de tempo no espaço escolar: uma lógica contabilizável, quantificável, comum e previsível, que pode ser mensurada e dividida em anos, meses, dias, horas minutos e segundos letivos, um tempo universal e que serve de norteador para a organização das práticas escolares, nas quais se prima pela lógica do calendário, do cronograma, das unidades, dos semestres letivos etc. Nesta direção o tempo determina as ações que o sujeito deve desenvolver e não o contrário. Aprende-se, experiencia-se em um tempo determinado social e universalmente configurado pela lógica objetiva e positivista da organização. E na modernidade, se faz necessário que o sujeito para produzir-se a si mesmo precisa movimentar-se em meio a um tempo especializado dos cronômetros e relógios (MATOS, 2008).

Nesta perspectiva, há uma relação que Doralice estabelece com o tempo, demarcado pelos estágios de suas aprendizagens, melhor dizendo, pelas suas trajetórias de vida. Essas trajetórias são distintas de ser humano para ser humano, assim como de grupo para grupo, no entanto servem para que se conheça a noção de tempo transcorrido da e pela experiência vivida.

[...] Portanto, o que chamamos de “tempo” significa, antes de mais nada, um quadro de referência do qual um grupo humano – mais tarde,

a humanidade inteira – se serve para erigir, em meio a uma sequência contínua de mudanças, limites reconhecidos pelo grupo, ou então para comparar uma certa fase, num dado fluxo de acontecimentos, com fases pertencentes a outros fluxos, ou ainda para muitas outras coisas. (ELIAS, 1998, p.60).

Disso compreende-se que a experiência de Doralice em relação ao tempo não é um atributo da universalidade. Portanto infere-se que o tempo não se universaliza entre os grupos sociais, muito menos entre civilizações que viveram em diferentes tempos. E se não há a dimensão da universalidade é porque há uma condição de se ter para o tempo o parâmetro da subjetividade de cada um, por meio da qual o tempo assume características e ritmos diferentes. A ideia da universalidade do tempo passa a ser um mito. Em um único sujeito habita diferentes perspectivas de tempo, que o fazem navegar em diferentes estágios de experiências.

Depois de formada trabalhei durante três anos com professores leigos em um projeto (Pró-leigos) para formar professores leigos que atuavam na zona rural. Esse é a minha maior lembrança como professora da zona rural. Participei como formadora até o último momento. Esse projeto foi muito proveitoso, porque todos eles receberam o diploma de magistério e isso me dá muito orgulho, porque a maioria deles não pararam e hoje muito já são mestres. (Doralice, trecho de narrativa de formação, 2015)

O primeiro componente temporal demarcado pela narrativa de Doralice centra-se na sua formação pessoal, caracterizada por um autodesenvolvimento, por meio do qual o estilo e as atitudes são produzidos na trajetória que se consolida pelas escolhas feitas na dimensão deste componente. Trata-se da dimensão do eu e da subjetividade que faz aflorar as intenções e os objetivos que uma pessoa traça para si quando se insere num processo de formação. Esse componente é importante elemento para a estruturação da trajetória de formação, pois o que Doralice tiver feito se cristalizou pelas experiências às quais vivenciou. Quando ela diz que foi o projeto mais proveitoso, pois ela participou até o último momento, indica uma incursão formativa temporal que está presente em sua memória e que se constitui como elemento importante da estruturação de sua trajetória.

Os demais componentes são determinados pelos aspectos técnicos da profissão docente, pois permitem o desenvolvimento do saber pela formação científica, pedagógico-didática e de prática pedagógica, que de acordo com Garcia (1999), são esses componentes formativos que dizem respeito ao “ensino profissionalizante para o ensino” e representam as marcas da docência que subsidiam as experiências do sujeito

na profissão. Disso, entende-se que nos formamos para sermos professores, mas não desenvolvemos trajetórias para ensinar, e sim ao se inserir num processo formativo e ao ensinar, construímos a nossa trajetória formativa e de profissão. Na narrativa fica evidente que ao se formar professora ela volta para formar professores e essa experiência continua sendo formativa e demarcando o lugar de sua trajetória de formação e ganha destaque pela narrativa, ao tomar sua história e ressignificar numa nova dimensão temporal em que se vê como sujeito de experiência, produzindo em outros sujeitos, professores leigos com quem trabalhou, novas experiências.

É dessa concepção que analisamos o conceito de trajetória formativa de Doralice, entendendo-o como um conjunto de eventos formativos que possuem fundamentos na vida da professora e que é estruturado a partir das experiências vividas por ela. Neste sentido, a memória ganha um lugar de destaque, pois promove a condição de nos permitir, pela faculdade de linguagem, revisitar o arsenal de nossas experiências que favorecem a construção de uma trajetória. Assim a trajetória é constantemente reorganizada e estruturada pelas nossas lembranças⁵. A esse respeito, Brandão (2008) nos diz que:

[...] a experiência nos mostra que a partir da memória nas histórias narradas, e muitas vezes escritas, podemos, usando a linguagem, refletir, compreender, reorganizar e ressignificar essas trajetórias e projetos de vida-trabalho, nossas e de outros, articulando as memórias individuais e coletivas, dando-lhes um sentido-significado. Essa história que é nossa e dos grupos aos quais pertencemos, diz-nos quem somos, auxilia e fortalece nossa identidade, ilumina nosso caminho na busca de sentidos para o nosso ser-estar no mundo. (BRANDÃO, 2008, p.186)

Levando em consideração a concepção apresentada pelo autor, é possível pensar em uma articulação das categorias trajetória, identidade docente e tempo de formação na narrativa de Doralice, na tentativa de elucidar como o próprio ato de narrar constitui-se num espaço e tempo de formação em que a professora constrói sentido para as experiências por ela desenvolvidas, e disso ressignifica sua trajetória. Parece-nos, ainda, extremamente interessante, pelos fundamentos da abordagem (auto) biográfica, perceber de que forma categorias, tais como, memória, lembranças e narrativas, são elementos que favorecem a constituição de uma trajetória de vida. Uma trajetória é, portanto, o constructo produzido pelas lembranças a partir da memória, linguagem e

⁵ O termo lembrança é tomado aqui como a capacidade humana para reter e guardar o tempo e as experiências, nas quais um sujeito pode passar ao longo de sua vida.

narração. Ela é tecida com esses elementos e serve de análise para quem a faz ou para o outro que com os mesmos elementos é capaz de produzir e também de analisar a sua trajetória.

3 O LUGAR DA MEMÓRIA NA CONSTITUIÇÃO SUBJETIVA DA PROFESSORA DORALICE

Estabelecendo uma relação entre memória e identidade, Michel Pollack (1992) diz que a memória é um fenômeno coletivo. Assim, evidencia-se a ligação entre: “[...] memória e sentimento de identidade como a criação de sentido da imagem de si, para si e para os outros [...]” (POLLACK, 1992, p. 204).

Sendo assim, a memória é um fenômeno social, uma construção derivada das relações sociais estabelecidas pelos atores sociais, o que transcende o aspecto individual. Nesta perspectiva, Rousso (2002) diz que a memória é a presença do passado e, ao mesmo tempo do presente, pois é o momento atual que lança ao passado as indagações em busca de compreensão, possibilitando uma reconstrução constante do indivíduo, e do universo que habita. A memória é, portanto, o único meio de rever o passado no presente.

Rousso (2002) pensa, também, a memória como reconstrução psíquica e intelectual que traz ativamente uma representação seletiva do passado, e esse passado não é apenas daquele que recorda, mas também do coletivo no qual o recordador fez/faz parte. Neste sentido, as memórias são componentes necessários na formação das identidades dos sujeitos, das percepções de si e dos outros, daqueles com os quais conviveram ao longo de suas vivências em contextos sociais distintos.

Para Bueno (2002), o sujeito ao reconstruir seu itinerário de vida realiza uma reflexão quando rememora o seu passado e a partir disso toma consciência de si, portanto, o caráter formativo do método (auto) biográfico reside na tomada de consciência, em que suas experiências, sejam elas negativas ou positivas, possibilitam rever certos pontos de atuação enquanto sujeito docente. A literatura disponível sobre história de vida, principalmente os relatos de pesquisas no campo da formação de professores, aponta-nos a (auto) biografia como um método que possibilita uma reflexão sobre a trajetória de vida e formação na qual ao efetivar a rememoração o sujeito toma consciência de si (JOSSO, 1999).

Portanto, os estudos centrados em histórias de vida possibilitam o resgate de experiências e práticas educativas, as quais ao serem relatadas/registradas através das

(auto) biografias podem servir como parâmetros para outros professores. Segundo Catani e Bueno (2000, p. 168), ao "[...] abordar a identidade implica, necessariamente, falar do eu, bem como das formas pelas quais o sujeito rememora suas experiências e entra em contato consigo mesmo [...]". Destacam, ainda, que as recordações mais significativas são aquelas que carregam significados adquiridos em sua vida prática, na maioria das vezes, nas relações de interações com os outros. Segundo a autora esses outros são: "[...] referências imprescindíveis das nossas lembranças [...]" (CATANI, 2000, p. 168).

Sendo assim, nesse artigo tentamos entender as trajetórias de vida e formação de uma professora idosa aposentada que frequenta a UATI/UNEB/Campus VII. Nesta concepção tem sido recorrente o fato de que o conteúdo das proposições de muitos pesquisadores, que desenvolvem trabalhos ancorados pelo método (auto) biográfico, sempre apontam para uma constituição de singularidades do sujeito, que se revela a partir da memória que produz ao longo da vida. Os trabalhos com a pesquisa (auto) biográfica, por sua vez, levam a conceber a ideia de que houve, em determinado percurso formativo da vida do sujeito, demarcado por suas experiências de vida e de formação, um processo de ressignificação dos saberes, o qual permite que o sujeito efetive em sua compreensão um reconhecimento de algum tipo de identificação com os elementos que de fato para ele identifique sua trajetória de vida e formação.

Como lá não tinha escola para continuar meus estudos e como minha mãe me via com um diferencial para os estudos, diferente dos meus irmãos, porque sempre gostei das letras aí ela convenceu meu pai a comprar uma casa na cidade e isso aconteceu. Fui para a cidade de Arco Verde em Pernambuco, lá estudei até o segundo ano de magistério, quando casei e fui morar na cidade de Senhor do Bonfim, na Bahia, onde concluí o magistério na escola das freiras Sacramentinas. (Doralice, trecho de narrativa de formação, 2015)

Fui a primeira casada a estudar na escola, por isso sofri muitas retaliações. No intervalo, por exemplo, não podia ficar com as outras meninas para não ensinar coisas que só as mulheres casadas sabem, permanecia na secretaria. Essa foi a condição para frequentar a escola. Mas consegui concluir o curso de magistério. (Doralice, trecho de narrativa de formação, 2015)

Doralice traz à tona as lembranças que tem do tempo em que se dedicou ao estudo na Escola Sacramentina. A saída de seu povoado para estudar no município de Arco Verde em Pernambuco e posteriormente em Senhor do Bonfim na Bahia marca sua trajetória de formação pelo desejo que já estava nela e o gostar das letras. A escola,

antes de qualquer coisa, era objeto do desejo como um espaço de formação e isso faz com que a mãe reconheça a especificidade da professora e passa a colaborar com o percurso formativo da mesma, permitindo que Doralice vá estudar e se dedicar ao conhecimento das letras. É nessa caminhada que a professora chega ao curso de magistério e conhece os primeiros ofícios do trabalho docente. No entanto a sua memória conserva um fato que marca a sua trajetória de vida, que se refere ao casamento. Há uma relação clara entre ser casada e por isso ter sido privada da convivência com outras moças que também se formavam para exercerem o ofício de professora. Esse fato evidencia um modo de pensar que hoje Doralice concebe, dado a experiência que teve no passado em sua formação.

A narrativa revela que há um posicionamento de condenação para a privação de sua convivência com as demais estudantes, pois se sentia punida pela situação de ser casada e de não ter a liberdade de conviver naturalmente com as suas colegas. E nisso tem um processo implicativo de formação de opinião da professora, que por ter passado por essa experiência, constrói saberes que estão demarcados pela sua história de vida e formação e que ganham sentido ao serem trazidos à tona pela memória. Isso é prova de que o fato foi significativo à época e que tem relação direta com o seu processo formativo.

[...] A memória torna as experiências inteligíveis, conferindo-lhes significados. Ao trazer o passado até o presente, recria o passado, ao mesmo tempo em que o projeta no futuro; graças a essa capacidade da memória de transitar livremente entre os diversos tempos, é que o passado se torna verdadeiramente passado, e o futuro, futuro. (AMADO, 1995, p.132)

Neste contexto, a memória se fundamenta como um elemento que promove a formação, transversalizada pela história de vida de cada um. Doralice em sua narrativa reconstrói o passado dando a ele novo formato e contorno discursivo no futuro, conferindo aos acontecimentos do passado uma própria dimensão do passado, mas que não deixa de criar, pela condição temporal, uma relação direta com o futuro em que os fatos e experiências são trazidos à tona, ressignificados e revividos em outro tempo, com novos contornos reflexivos. É o que acontece na narrativa de Doralice ao tratar da proibição de convivência com as colegas solteiras. Hoje, ela conta-nos o fato e revela ter pra ele uma opinião construída ao longo do seu percurso formativo, que a faz trazer pela memória o passado e já demarcar o que pensa dele.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo, portanto, se configurou como uma pesquisa qualitativa, de natureza interpretativa, que evidenciou pôr em primeiro plano a compreensão da trajetória de vida e formação da professora Doralice, buscando identificar esse sujeito enquanto ativo na construção do conhecimento sobre si próprio e sobre a sua condição de professora aposentada.

Como resultado da análise da trajetória de vida e formação da professora Doralice, concluiu-se que o trabalho com narrativas e memórias, centrado na reconstrução de histórias, tem propiciado a reflexão sobre as histórias de vida, de formação, de profissão, bem como sobre as histórias e culturas dos lugares, tendo em vista que tempo, memória, espaço e história caminham juntos e, têm se revelado como importantes recursos para a descoberta de si, existindo assim a apropriação de trajetórias pessoais, constituindo um exercício para que as experiências de vida, de profissão, e de formação sejam refletidas no processo de formação docente. Essa longa busca de si torna-se fundamental num contexto que exige forte consistência pessoal (DOMINICÉ, 1988), além de favorecer a descoberta do sentido do que se viveu, o reconhecimento de valores e projetos que promovam desenvolvimento e realização pessoal.

Portanto, a abordagem (auto)biográfica possibilitou-nos interagir com a narrativa da professora colaboradora, analisando-a, construindo novos saberes e permitindo a própria colaboradora refletir sobre suas ações, a partir do que se pode depreender das escolhas de fatos que fez ao produzir sua narrativa. Sua base empírica exige uma relação estreita com os sujeitos envolvidos de uma forma participativa, cooperativa e colaborativa. Assim, esta estratégia metodológica possibilitou compreender a trajetória de vida e formação da professora idosa presente em suas experiências/memórias.

As narrativas da professora revelam um pouco da trajetória de vida dela, que nasceu e iniciou seus estudos na sala de casa na roça. Desde cedo, inquieta e curiosa com as letras, e com a ajuda da sua mãe pôde continuar com seus estudos e se tornar professora. Pela sua atuação brilhante como docente nas turmas de magistério, sempre foi muito requisitada na cidade onde mora.

Esta formação deixou a professora ainda mais em evidência na cidade, sendo requisitada para lecionar em outras escolas. Entretanto, a professora destaca que uma das atividades mais prazerosas que teve durante sua longa carreira com docente, foi ser

professora formadora no projeto Pró-Leigos, quando afirma “*neste projeto realizamos sonhos de muitos professores leigos que não tinham perspectiva de ter uma formação*”.

Este artigo trouxe à tona algumas memórias da professora nascida em Pesqueira no estado de Pernambuco, evidenciando que no processo biográfico há uma gama de subjetividade que foi apreendida pelo conteúdo e pelo modo como Doralice narrou a sua trajetória de formação, bem como pela forma como lidou com a temporalidade ao falar de si. De fato o processo biográfico favorece a construção do tempo e da identidade do sujeito, também influenciados pelas relações que socialmente são estabelecidas. Se isso foi verdade, foi verdade também que pela condição de narrar suas trajetórias, Doralice pôde estabelecer relações com tantos outros sujeitos, a partir da condição de inserção e desenvolvimento de experiências formativas de que fez parte.

ABSTRACT

This article analyses the life history and formation of an elderly teacher, highlighting the meaning that she builds to talk about herself and her training. The epistemological basis of the study is based on the perspective of qualitative research, of an interpretative nature, which places in the foreground the study of the life course/training of the elderly teacher, seeking to identify the subject as active in the construction of knowledge about herself and about her condition as a teacher. In this area, we embarked on the (auto) biographical approach based on studies carried out by Nóvoa (1988), Delory-Momberg (2012), Pineau (2006), among others. As a result, the study showed that self-knowledge triggers off a constant process of formation of the subject.

Keywords: Narratives, Formation, (Auto) biographical approach, Trajectory

REFERÊNCIAS

- AMADO, Janaína. **O Grande Mentiroso:** tradição, veracidade e imaginação em história oral. *História*. São Paulo, n.14, 1995, p. 125-136.
- BUENO, Belmira Oliveira. **O método autobiográfico e os estudos com histórias de vida de professores:** a questão da subjetividade. *Educação e Pesquisa*. vol. 28 nº 1 São Paulo Jan/Jun 2002.
- BRANDÃO, Vera M.T. Oficina de memória – Teoria e Prática: relato sobre a construção de um projeto. **Revista Kairós Gerontologia**, São Paulo: EDUC, 2008. p. 181-195
- CATANI, Denice Barbara (Org.). **A vida e o ofício dos professores:** formação contínua, autobiografia e pesquisa em colaboração. São Paulo: Escrituras, 2000.
- CATANI, Denice Barbara, BUENO, Belmira e SOUSA, Cyntia. **O amor dos começos:** por uma história das relações com a escola. *Cadernos de Pesquisa*. Nº 111, p. 151 - 171, dez. 2000.
- DELORY-MOMBERGER, Christine. **A condição biográfica:** ensaios sobre a narrativa de si na modernidade avançada. Tradução de Carlos Eduardo G. Braga, Maria da Conceição Passeggi e Nelson Patriota. Natal: EDUFRN, 2012.

- ELIAS, NORBERT. **Sobre o tempo**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1998.
- EREBEN, Michael. “Biografia y autobiografia”. El significado del método autobiográfico. **Semestre sulla condizione adulta e processi formativi**- 4 Otome, 1996. Milano, Edizione Angelo Guerini e Associati, 1996.
- FERRAROTTI, Franco. Sobre a autonomia do método biográfico. In: NÓVOA, António; FINGER, Matthias (Orgs.). **O método (auto)biográfico e a formação Lisboa**: Ministério da Saúde. Depart. de Recursos Humanos da Saúde/Centro de Formação e Aperfeiçoamento Profissional, 1988. p. 17-34
- FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de. Desvendando aspectos da profissão docente na produção historiográfica educacional do norte e nordeste: algumas possibilidades dos estudos biográficos. In: PINHEIRO, Antonio Carlos Ferreira Pinheiro e ANANIAS, Mauricéia. (Orgs.). **Educação, direitos humanos e inclusão social**: histórias, memórias e políticas educacionais. Vol.2. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2009.
- GARCIA, Carlos Marcelo. **Para uma mudança educativa**. Portugal: Porto Editora, 1999.
- JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de Vida e Formação**. São Paulo: Cortez, 2004.
- JOSSO, M.C. Da formação do sujeito ao sujeito da formação. In: Nóvoa, A. Finger, M (Org.). **O Método (auto)biográfico e a formação**. Lisboa: Ministério da Saúde/Depto dos Recursos Humanos da Saúde. 1988.
- NÓVOA, António. **O método (auto) biográfico e a formação**. Lisboa: MS/DRHS/CEAP, 1988.
- NÓVOA, António (Coord.). **Os professores e a sua formação**. 2 ed. Lisboa: Dom Quixote, 1995.
- PASSEGGI, C. A Formação do formador na abordagem autobiográfica. A Experiência dos memoriais de formação. In: SOUZA, Elizeu Clementino de. **Pesquisa (auto) biográfica. Tempo, narrativas e ficções**: a invenção de si. Porto Alegre: EDUPUCRS; Salvador: EDUNEB, 2006
- POLLACK, Michel. **Memória e Identidade Social. Estudos Históricos**: memória, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1992.
- PINEAU, Gaston. As histórias de vida como artes formadoras da existência. In: SOUZA, Elizeu Clementino de & ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Org.). **Tempos, Narrativas e Ficções**: a invenção de si. Porto Alegre: EDPUCRS; Salvador: EDUNEB, 2006,
- ROUSSO, Henry. A memória não é mais o que era. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. **Usos e abusos da história oral**. 5. Ed. Rio de Janeiro: FGV, 2002.
- SOUZA, Elizeu Clementino de. **Autobiografias, histórias de vida e formação**: pesquisa e ensino. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.
- SOUZA, Elizeu Clementino de. (Auto) biografia: formação, territórios e saberes. In: PASSEGGI, Maria da Conceição; SOUZA, E. C. de S. (Orgs.). **(Auto) biografia**: formação, territórios e saberes. Prefácio Gaston Pineau. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: PAULUS, 2008a.